

LAZERES CARIOCAS

Prof. Dr. João Batista Neto

Resenha

CAMARGO, Haroldo Leitão. **Uma Pré-História do Turismo no Brasil: Recreações Aristocráticas e Lazer Burgueses (1808 – 1850)**. São Paulo: Editora Aleph, 2007. (Série Turismo) ISBN-10: 8576570351, 384 páginas.

A série Turismo, da Editora Aleph, publicou em sua coleção um livro instigante do pesquisador Haroldo Leitão Camargo, um ícone na trajetória do ensino de Turismo no Brasil. Com formação em História e dedicando-se ao estudo do patrimônio cultural e a história do Turismo no Brasil, Camargo nos oferece uma leitura agradável sobre o pré-turismo no início do século XIX, com enfoque na cidade do Rio de Janeiro.

Salienta o autor que o turismo, enquanto fenômeno, é vinculado ao mundo do trabalho na Sociedade Industrial. O pré-turismo seria uma fase anterior, enquanto que o Turismo pertence ao tempo do lazer, o que não se estabelece numa sociedade escravocrata. O pré-turismo percorrido pelo autor é o período de 1808 a 1850, destacando o contexto da chegada da Família Real Portuguesa. O autor busca no relato dos viajantes quais os lugares que tinham algum significado para as recreações aristocráticas e os lazeres burgueses.

O livro **Raízes do turismo no Brasil**: hóspedes, hospedeiros e viajantes no século XIX no Brasil, de Mário Jorge Pires, também tratou da percepção dos viajantes estrangeiros sobre o país. Mas o enfoque era outro e, em comum entre os dois trabalhos, são as descrições sofríveis das condições de hospitalidade para esses viajantes. Trata-se de uma característica da área da História poder tratar do mesmo assunto, usar as mesmas fontes e realizar abordagens diferentes e períodos impares para um resultado científico.

Analisando os lazeres cariocas, Camargo mostra os lugares visitados pela aristocracia e por uma incipiente burguesia, destacando novos usos e costumes que se tornariam características do século XIX, mas estabelecendo modelos do que viria a ser o turismo praticado não só na cidade do Rio de Janeiro. O olhar estrangeiro realizou a formatação deste proto-turismo, destacando vários atrativos como lugares aprazíveis. É o caso da Baía da Guanabara.

Porém, não havia condições para a prática da hospitalidade, devido à falta de estrutura para o recebimento dos estrangeiros que aqui aportavam. As viagens, mesmo para os nobres e os membros da Corte, eram um suplício. E o Brasil era interpretado pelos portugueses como o “quinto dos infernos”, dada as condições precárias em que viviam na colônia. O que acabou sendo modificado pelas obras necessárias para a manutenção da Corte Portuguesa no Rio de Janeiro, com destaque para o Jardim Botânico e a Biblioteca Nacional.

Os monarcas estabeleceram hábitos que permaneceram, mesmo após o retorno para Portugal e as modificações políticas pela qual passaram na transformação da colônia num país independente. São os casos dos banhos em estâncias de águas termais, a jogatina em cassino e a vilegiatura, ou seja, temporada de veraneio, que foi praticada em lugares que hoje são atrativos turísticos, como Teresópolis e Petrópolis. O que a Corte introduziu no Rio de Janeiro

foram novas percepções sobre a paisagem, os lugares, usos e costumes do que se praticava na Europa. São nessas perspectivas que se realizaram as recreações aristocráticas e os lazeres burgueses na primeira metade do século XIX.

Estabelecendo um diálogo com o leitor através de uma escrita fina, em alguns momentos com traços de um humor inteligente e irônico, num texto rico de informações e de fontes e com um acabamento bem realizado na parte gráfica, o livro de Camargo obteve várias resenhas favoráveis a sua leitura. Recomenda-se a sua leitura por dois motivos: pelo prazer de ler sobre um assunto que poucos pesquisadores se dedicaram e pela forma que Camargo encontrou de equilibrar tantas informações e fontes num texto agradável, especialmente nos capítulos que tratam sobre viajar para e pelo Brasil.